IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ONDE ME CABE? RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PERTENÇA DE UM CORPO LÉSBICO-SAPATÃO

Eixo Temático 05 – Corpo lésbico sapatão: por uma política de vida?!

Nathália Pereira Martins [1]

RESUMO

Este relato de experiência pretende discorrer acerca de dimensões, dores e atravessamentos do não-lugar do meu corpo lésbico-sapatão, protagonista da própria narrativa. A partir do pensamento lésbico e da escrevivência, compreendendo a materialidade e a subjetividade desse corpo, me percebo deslocada por ser subversiva a um sistema patriarcal. Nesse processo de pertencimento, Gloria Anzaldúa, Audre Lorde, Cheryl Clarke, Conceição Evaristo, Margarita Pisano e Adrienne Rich foram essenciais para as reflexões. Assim, enfatizo a existência de corpos como o meu em diferentes espaçostempo, combatendo a política de esquecimento desses corpos historicamente demonizados e silenciados, valorizando a produção de conhecimento a partir do olhar de si.

Palavras-chave: Escrevivência; Não-lugar; Corpo lésbico-sapatão; Lesbianidade.

BUSCANDO MINHA PRÓPRIA NASCENTE...

Esse texto-corpo em forma de relato de experiência se movimenta a partir dos questionamentos: Onde eu estou? Quais espaços me cabem? Se não há, irei fazer algum? Ao refletir na perspectiva de um pensamento lésbico e produzir escrevivência, sou atravessada por sentimentos, dores, desconfortos, dimensões, medos, fúrias, prazeres, esquisitices e minhas condições sociais que colaboram para a construção de um não-lugar desse corpo lésbico-sapatão.

Constituído de materialidade e subjetividade, ambos políticos, esse meu corpo se insere em um processo de se perceber, além do olhar dominante e violento de um sistema binário patriarcal do pensamento heterossexual, mas rompendo e transgredindo constantemente, o que incomoda esses olhos ideológicos. Escrever o que eu sou, nesse momento, é afirmar a existência dos meus e seus eus, nossos corpos se espelhando em

[1] Graduada pelo Curso de Licenciatura em História no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XVIII – Eunápolis, nathaliapmartins_@outlook.com.

diferentes tempoespaços, buscando combater a política do esquecimento de nossas vivências, considerando que o ser sapatão está presente o tempo todo em todas as movimentações da vida, pois não é algo que se pode desvencilhar. Sou a filha, a irmã, a amiga, a pesquisadora, a historiadora-professora, a trabalhadora, a artista, a artesã, a poeta sapatão. Além de lesbianizar-sapatonizar a produção de conhecimento a partir da escrita de si, do íntimo.

Coloco-me enquanto objeto de pesquisa, um corpo no mundo, sem descredibilizar a minha própria importância por conta do olhar violento e dominador enraizado, que me foi ensinado e imposto. O que chamam de pecado, brecha do diabo, doença, aberração, incógnita, caos, loucura. O controle do corpo, principalmente através do medo, me atingiu, mas, indomável, em passos lentos enfrento o mundo com fúria e coragem com todos os meus eus coexistindo, sendo várias e permeando por diferentes espaços, assim como me lembra Gloria Alzandúa:

> Você diz que meu nome é ambivalência? Pense em mim feito Shiva, um corpo com vários braços e pernas com um pé sobre o solo marrom, outro sobre a sociedade branca, hétero, outro no mundo gay, no mundo dos homens, no das mulheres, um membro no mundo da literatura, outro na classe trabalhadora, no socialismo, e nos mundos ocultos. Tipo uma mulher aranha pendurada por um fio fino da teia. (Anzaldúa, 2021, p, 78).

GRITO MANIFESTO DE UM TEXTO-CORPO NU AUTOINSCRITO

Em passos dançantes teórico-metodológicos, considerando toda a intencionalidade da minha escrita em me fazer ser vista, lida e ouvida, um grito manifesto em texto, me apropriando da linguagem que me foi privada e utilizada para me domesticar. Lutando com as armas-palavras que eu tenho, reviro meu corpo, meu estômago e minha cabeça em agonias, memórias não cicatrizadas e gritos reprimidos. Mesmo cortantes, essas mesmas palavras se fazem abrigo para mim, para outras muitas, um beijo-dengo nas feridas, pois quando tento me encaixar em outros espaços, lugares esses que não me pertencem, me afasto de mim, onde eu realmente preciso caber-pertencer.

Nesses atravessamentos e andanças, Audre Lorde (2019, p. 50) me alerta: “Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca [...]”, então escrevo esse texto-grito vomitando palavras, as quais antes me sufocavam, rasgavam minha garganta e me faziam adoecer em silêncio quando as engoliam. Não vão mais tampar a minha boca, me prender com os braços e violar o meu corpo com dedos sujos.

Desdobrando-me em minhas próprias entranhas, Gloria Anzaldúa (2021, p. 77) surge em minha mente como um abraço cheio de afeto sapatão: “Para lidar com a dor e controlar meus medos, criei uma casca grossa. Oh, os muitos nomes de poder – orgulho, arrogância, controle. Não sou a rainha gélida da neve, mas uma mulher de carne e osso com um coração talvez muito amoroso, facilmente ferido”.

No entanto, quebrar o silêncio não anula meus medos, mas não posso deixar que eles me controlem a todo o momento. O medo não abandonou Audre Lorde, “[...] porque a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo” (2019, p. 51). E somos perigosas, à medida que não nos deixamos mais sermos dominadas e colonizadas. Tentarão nos aniquilar de qualquer maneira, utilizando o poder da linguagem ou não (Lorde, 2019, p. 52). Para nós, o real perigo está no medo de ser-estar-falar, mas cabe a nós nos autodeterminarmos, sabendo quem somos antes que alguém pense que tem o direito de nos nomear e silenciar. Portanto, Audre Lorde (2019, p. 54) me deixa um lembrete sobre(vivência): “Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silencio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará”.

A escrevivência enquanto pulsação, para Conceição Evaristo (2020, p. 35): “É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida”. Consigo ler-perceber o mundo com meu corpo, me fazer presente me inscrevendo nele e em mim mesma em fluxos dinâmicos. Como discorre Evaristo (2020, p. 38), diferente de uma escrita banhada nas águas de Narciso que se limita apenas a si de forma solitária e egocêntrica,na qual as águas-espelhos não nos enxergam, a escrevivência é água-abebé de Oxum e Iemanjá e conseguimos ter uma maior complexidade e profundidade do nosso corpo-texto.

Em águas doces e salgadas, meu corpo nu se banha e corre junto às águas, tornando-se um só, é correnteza. Conceição Evaristo (2020, p. 39) lembra que no abebé de Oxum enxergamos nossas potencialidades individuais e belas, nossas subjetividades se fazem transparentes e resistiram às tentativas colonizadoras aniquiladoras. O abebé de Iemanjá revela as múltiplas vozes, nossa coletividade, enquanto nos tornamos expostas e vulneráveis em potências, acolhemos também as nossas em diferentes textos-corpos nus. Nesses reflexos

em águas-espelhos, é possível perceber que "nós mulheres viemos sustentando longas lutas externas e internas com nossas capacidades, de querer ser atuantes de nossos desejos, de nos entendermos como mulheres individual e coletivamente" (Pisano, 2017, p. 41).

Em língua molhada e revolucionária, Cheryl Clarke (1988, p. 1) nos deixa os caminhos-evidências da resistência de um corpo sapatão, mesmo enrustido, em uma cultura ocidental, homofóbica, racista, patriarcal, misógina e capitalista, pois renunciou ao contrato heterossexual e escravista, descolonizando o próprio corpo e se inserindo em um processo de despertar e autoreconhecimento. Em complemento, Margarita Pisano (2017, p. 51) afirma que não há apenas a transgressão da subordinação histórica e simbólica aos homens nesse corpo sapatão, mas ainda carrega potencialidade para desprender-se da misoginia internalizada, se reconstruindo e se ressignificando por si e para si mesmo. "Tal erótica contém a ruptura dos limites do feminino e a resistência ao projeto heterossexual estabelecido, rompendo não só a misoginia, senão fundamentalmente a fidelidade do amor aos homens" (Pisano, 2017, p. 51). Assim, é preciso nos desprender dos moldes impostos, da culpa, do medo, da negação, do pensamento heterossexual universalizante, das inúmeras formas de submissão, entender e abraçar nossos próprios movimentos, além de gingar com as nossas em continuidade e horizontalidade para não cairmos no abismo do "[...] isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres" (Rich, 2012, p. 36).

Enquanto um corpo sapatão, em um não-lugar, na fronteira transgressora entre a heterossexualidade e a homossexualidade generalizada, relembro as inquietações de Margarita Pisano (2017, p. 52): "Historicamente o pensamento lésbico tem sido um lugar esconderijo e de exposição de um projeto distinto de sociedade, onde não se necessita a tolerância dos poderes econômicos, religiosos, culturais e políticos para existir". Que esse não-lugar com características próprias torne-se um espaçotempo individual e coletivo de abrigo, de respiro, de afeto, agora se tornando um meu-lugar construído a partir do meu corpo-texto nu em fluxos de águas.

ÁGUAS PROFUNDAS: ORA CALMA ORA FURIOSA

Entender meu corpo-texto enquanto lésbico-sapatão coincidiu com a experiência enquanto universitária na Universidade do Estado da Bahia, no *campus* XVIII, na cidade Eunápolis. Ouvi muitas vezes que a universidade seria a causadora da minha rebeldia, mas eu

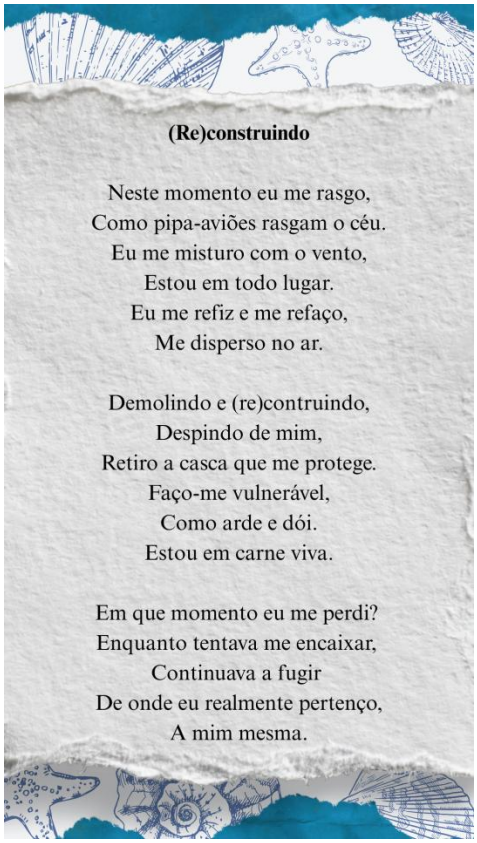
já estava no meu processo de ser e sentir sapatão, provando da liberdade cada vez mais, a rebeldia morava sufocada em meu interior. Estar na universidade parecia meu espaço de respiro na maior parte do tempo, até perceber que quase não se falam de corpos como o meu. Onde eu estou? Corpo sapatão não faz parte das engrenagens das memórias históricas? Decidi seguir rastros e lacunas para entender onde eu poderia me encontrar, não havia pesquisas sobre lesbianidade no curso de História do *campus* XVIII. Percebi que eu poderia abrir portas e pesquisar sobre sapatão, se não há espaço para mim, irei construir o meu a partir de um pensamento lésbico.

Entender e abraçar meu não-lugar foi árduo, me afoguei inúmeras vezes na minha própria imensidão. Como me tratar com carinho e chamego ao escutar que fui parida sendo uma menina linda, não uma aberração, não uma sapatão? As palavras-facas mutilam meu corpo. Como continuar vivendo sem fingimentos e esconderijos ao escutar que sou a vergonha da família e preferiam me ver morta a estar junto a uma mulher? Como aceitar meu corpo sapatão ao escutar inúmeras falas de como a heterossexualidade é a única alternativa possível aceitável e que ainda irei encontrar homem? Ou que nenhum homem me *comeu* direito? Como me enxergar se insistem em retirar tudo o que eu não sou, ignorando minha existência, para que eu continue sendo vista, aceitável e amada?

Neste texto-corpo não há resultados, meus movimentos são contínuos e inacabados, me (re)invento o tempo inteiro. Eu sou e respiro grito manifesto quando meus pelos crescem e eu os deixo respirar; quando corto meus cabelos cada vez mais curto; quando me visto com roupas ditas como masculinas; quando me olham torto e eu os ignoro; quando me afirmo sapatão em existência, em respiro; quando não mais procuro um espaçotempo para me encaixar, porque esses modelos prontos sufocantes já não me cabem mais; quando entendo meu corpo como biopolítico, mesmo às vezes solitário; quando passo a gingar com as minhas. Inspiro, solto o ar pela boca, recupero meu fôlego para prosseguir escrevivendo. Eu sou e respiro grito manifesto quando minha raiva se torna motor de movimento e luta, quando escrevo sobre o meu e outros corpos sapatão; quando passo a recusar o auto ódio que me foi ensinado por não ser o que se era esperado de mim; quando me recuso a ser aniquilada, quando gozo sozinha; quando minha língua molhada invade o corpo de outra sapatão; quando eu aprendo a continuar sendo eu e não me permito sucumbir mesmo dando passos para atrás.

Em águas profundas, ora calmas ora furiosas, continuo seguindo meus fluxos, me despindo e aprendendo a abraçar a minha vulnerabilidade. Em linhas poéticas, costuro uma nova roupagem, ou melhor, uma nudez, enquanto entendo que não me cabe mais estar em espaços que me ferem. Posso me dissolver, derramar em águas e me dissolver no vento, pois meu corpo sapatão, enquanto pertencente a mim mesma pode estar em todo lugar, transcendendo a materialidade, como no texto-corpo abaixo.

Imagem 1: Poema (Re)construindo



(Re)construindo

Neste momento eu me rasgo,
Como pipa-aviões rasgam o céu.
Eu me misturo com o vento,
Estou em todo lugar.
Eu me refiz e me refaço,
Me disperso no ar.

Demolindo e (re)contruindo,
Despindo de mim,
Retiro a casca que me protege.
Faço-me vulnerável,
Como arde e dói.
Estou em carne viva.

Em que momento eu me perdi?
Enquanto tentava me encaixar,
Continuava a fugir
De onde eu realmente pertenço,
A mim mesma.

Fonte: Produção autoral de Nathália Martins (2025)

CHEGANDO ÀS MARGENS? Reflexões inconclusivas...

O balanço do mar me levará até a margem? Quanto mais próxima parece estar, mais distante fica e giro dentro do vórtex de novo e de novo, afundando na imensidão do mar azul do meu interior. A partir das ondas que banham esse texto-corpo consturado com palavras que rompem e sentimentos que atravessam minhas vivências de um corpo sapatão, a escrevivência, atrelada ao pensamento lésbico, se torna um método de resistência de uma

materialidade e subjetividade em busca de pertencimento, de si. Nesses entrelaços, as autoras Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Cheryl Clarke, Conceição Evaristo, Margarita Pisano e Adrienne Rich me guiaram como bússolas em (*auto*)mar e dengo-abrigo no meu próprio oceano de reflexões que transcedem minha carne viva, minha pele, minhas dores, meus desejos-caminhos, minha insubmissão e rupturas.

As autoras-águas desse texto-corpo colaboraram para evidenciar corpos historicamente silenciados, corpos dissidentes em suas complexidades, em uma perscpetiva decolonial, feminista e lésbica, em sua maioria. Assim, Gloria Anzaldúa e Audre Lorde me incentivam a continuar gritando manifesto em corpo, em ação e linguagem, superando meus medos e dominações que tentaram nos impor. Além disso, Conceição Evaristo me guia na escrevivência como forma de autoinscrição no mundo e nas experiências dos textos-corpos. Cheryl Clarke e Margarita Pisano discorrem acerca do corpo erótico-político sapatão desatado de uma dominação patriarcal, tornando-se autônomo e descolonizado, enquanto Adrienne Rich realiza críticas sobre a heterossexualidade compulsória como dispositivo de controle de corpos.

Em margens inconclusivas, a travessia pelo (*auto)*mar é constante, em fluxos e reinvenção interior. A construção de um espaçotempo próprio a partir de um não-lugar ressignificado, antes como forma de marginalização, agora enquanto abrigo e afeto, constitui-se enquanto um ato político, um grito manifesto de existência, a recusa do silenciamento e aniquilação e uma forma de celebrar a lesbianidade como força motriz desses movimentos e fluxos em águas. Eu estou viva, nua e inscrita em cada linha que costura esse texto-corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021.

CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência. *In*: MORAGA, Cherríe L; ANZALDÚA, Gloria R. **This Bridge Called my Back**: writings by radical women of color. Berkeley: Third Woman Press, 1988. Disponível em: https://we.riseup.net/sapafem/lesbianismo-um-ato-de-resist%C3%AAncia-cheryl-clarke. Acesso em: 20 abr. 2025.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 49-54.

PISANO, Margarita. Incidências lésbicas ou o amor ao próprio reflexo. *In*: PISANO, Margarita. **O triunfo da masculinidade**. São Paulo: [*s. n.*], 2017, p. 41-52.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 05, 2012. p. 17-44. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 20 abr. 2025.